

O ORIENTE E A MORAL DE PROPÉRCIO

Zelia L. V de Almeida Cardoso

Todos aqueles que, a qualquer título, tiveram oportunidade de estudar a poesia greco-latina devem ter observado a assiduidade com que as referências ao Oriente ali são encontradas. Parece-nos evidente que a explicação para essa insistência reside no fato de tanto a Grécia como, mais tarde, Roma terem estado intimamente relacionadas com as regiões e povos orientais.

Cedo se iniciaram os contactos entre os habitantes da Grécia e o chamado Oriente Próximo. A Hêlade primitiva, muito embora sua história sob certos aspectos permaneça impenetrável, foi habitada por um aglomerado de povos, entre os quais, além dos autóctones anônimos, podemos mencionar os que os próprios gregos denominaram “pelasgos”, “dríopes” e “cários”. Se os pelasgos parecem ser provenientes da Tessália (1) e os dríopes são de origem desconhecida, os cários deveriam ser originários da Ásia Menor (2)

No segundo milênio antes de Cristo, os arianos se estabelecem na Europa e Ásia. Enquanto os aqueus se domicíliam na região que hoje corresponde à Grécia, povos aparentados com eles se fixam às margens do Bósforo, na Trôada, na Bitínia, criando-se os reinos da Frígia, da Lídia e da Mísia. Não se estranha, pois, que os contactos entre aqueus e povos da Ásia Menor tenham sido frequentes e que as influências culturais daqueles que desenvolveram civilizações diversificadas em locais diferentes tenham interagido de forma profícua.

No período micênico (1400-1200 a.C.) a Grécia se expande e os contactos com a Ásia Menor se tornam mais apreciáveis. A partir do século XIV a.C., os povos da Grécia frequentam a faixa do litoral asiático que se stiuva entre a Cilícia e a Trôada (vasos de cerâmica

(1) — Tal opinião, corrente entre os historiadores gregos do século IV a. C. é hoje contestada pela historiografia moderna que prefere ver no termo “pelasgo” uma denominação genérica para designar povos pré-helênicos, de maneira global.

(2) — Tucídides (Thuc. I, iv. 8).

e objetos de bronze atestam a presença da cultura grega nessa região), chegam à Panfília (onde se propaga um dialeto semelhante ao da Arcádia), fundam cidades na Cária (onde já haviam estado antes os cretenses que se assimilaram, posteriormente, aos gregos), fazem incursões na Cilícia, na Lícia e em Chipre.

Não é de admirar-se, portanto, que as mais antigas lendas gregas envolvam fatos passados no Oriente e heróis naturais dos locais por onde estiveram.

Também o Egito foi objeto das visitas sistemáticas dos aqueus. O comércio e a cortesia abriram as portas do país do Nilo aos estrangeiros que não se limitaram a incursões pacíficas, passando rapidamente à pirataria e a tentativas de conquistas. O revés sofrido pela Grécia quando do projeto de invasão ao Egito, no século XIII, não impediu que a influência cultural helênica se estendesse àquele país.

A conquista de Tróia e o estabelecimento dos aqueus junto à Frígia precedeu a invasão dórica, após a qual reanimaram-se as incursões gregas pela Ásia Menor. No século XII, estavam os povos da Hélade estabelecidos por toda a costa asiática, sem ruptura de continuidade, de Rodes a Lesbos, conservando suas posições na Lícia, Panfília, Cilícia e mantendo seus contactos, de um lado com Chipre e a Fenícia, de outro com a Líbia, o Egito, a Etiópia e o país dos Pigmeus.

Após o chamado período heróico (1200 a 800 a. C.), a Grécia consolidou sua situação geográfica, podendo partir para outras empresas. Embora uma primeira tentativa de conquista do Ponto Euxino tivesse redundado em fracasso, o século VII a. C. marca a época de fixação de Colônias gregas naquela região, na Paflagônia e na Cólquida e do estabelecimento de relações amistosas com cimérios e outros povos das proximidades.

Ainda no século VII, após várias tentativas infrutíferas, puderam os gregos fixar-se em cidades do Egito e da Líbia (3)

Todos esses fatos nos explicam a presença de numerosas referências ao Oriente (à sua história, lendas, locais, religiões e costumes) na poesia grega que, no século VI a. C., já havia atingido um elevadíssimo nível técnico e estético. As Guerras Médicas (Sec. V a. C.) e a incorporação da Grécia à Macedônia (Sec. IV) — que colocou também sob seu cetro parte da Ásia Menor e do Egito — permitiram que se renovasse o intercâmbio entre gregos e orientais.

(3) — Cf. G. GLOTZ — *Histoire Grecque*. Tome premier. Paris, PUF, 1948.

No século III a.C., com a conquista da Itália meridional, Roma entra em contacto direto com a civilização grega que ali se desenvolvia. A assimilação dessa cultura vai provocar, por assim dizer, o nascimento da verdadeira literatura latina. O que antes Roma havia produzido nada mais era que algumas formas embrionárias de literatura que, sem o sopro vivificante da literatura grega, talvez nunca houvessem saído de seu estágio inferior. Conquistando a Grécia e sendo conquistada pela cultura grega, Roma a absorveu e imitou. A literatura latina, desde o chamado período helênico (de 240 a 80 a.C.) até o seu apogeu, na época de Augusto (43 a.C. a 14 d.C.), sofre profunda influência da literatura helênica. A imitação da poesia grega torna-se a tônica da poesia latina. Gêneros, formas, temas, estilo, tudo é imitado dos modelos anteriores. As referências ao Oriente não poderiam, pois, deixar de aparecer nos textos literários latinos. Entretanto, sob esse aspecto, não é apenas a imitação que observamos. Roma também teve numerosos contactos com as regiões orientais e esses fatos recentes, bem como as consequências deles advindas, passaram a ser mencionados pelos escritores romanos.

Não obstante fosse generalizada, em Roma, a crença de que os romanos seriam descendentes dos antigos frígios — fato explorado pela poesia, mas não comprovado pela história e pela arqueologia —, os reais contactos entre romanos e povos orientais se deram entre os séculos III e II a.C. quando, alçada à condição de principal potência do Mediterrâneo, Roma venceu Cartago e a Macedônia, libertou as províncias gregas da Grécia, da Trácia e da Ásia Menor do jugo de Filipe e saiu-se vitoriosa da guerra contra a Síria, libertando as cidades gregas da Ásia, antes sob o domínio de Antíoco.

A segunda metade do século II a.C. vai presenciar a destruição de Cartago por Roma e a doação feita a esta por Átalo III, rei de Pérgamo, de seu reino e dos direitos que exercia sobre as cidades gregas da Ásia e as populações autóctones. Este fato foi de importância capital para o estreitamento das relações entre Roma e o Oriente. Pérgamo, país riquíssimo, culto e civilizado, situava-se na passagem para a Caldéia, a Fenícia, a Síria, a Pérsia, a Índia e a China, devendo transitar, obrigatoriamente, por seu território, os produtos comerciais provindos daquelas regiões: tecidos, pedras preciosas, perfumes, objetos luxuosos que encantavam os povos do Mediterrâneo.

Aceitando a doação, Roma instalou-se no Oriente, transformou-se em potência asiática e permitiu que o luxo e o requinte da vida oriental viessem substituir, na metrópole, seu antigo apanágio de sobriedade e simplicidade.

Não foram esses só, entanto, os contactos entre Roma e o Oriente. De 88 a 85 a.C., Roma lutou contra Mitridates, rei do Ponto,

vencendo-o; em 69, Luculo invadiu a Armênia, cuja conquista foi ultimada por Pompeu, em 66; em 63, foram também conquistadas por Pompeu o Ponto e a Síria e anexada a Judéia ao Império Romano. Em 48-47, Roma se ligou politicamente ao Egito (4)

Estamos já, então, na segunda metade do século I a.C. e nos aproximamos do momento em que Roma vai oferecer-nos as obras primas de sua poesia. Está a alvorecer a época de Virgílio, de Horácio, de Ovídio, Tibulo e Propércio.

E foi ao reler as “Elegias” de Propércio que nos chamou a atenção a frequência com que ali surgem as referências ao Oriente. Não se pode dizer que Propércio tenha propriamente explorado “temas” orientais; as alusões, todavia, à história do Oriente — principalmente em suas vinculações com a história de Roma —, às lendas — especialmente as míticas —, aos heróis, a menção de locais geográficos e de costumes orientais são uma das características de suas elegias. O estudo dessas ocorrências, porém, mostrou-nos que, contrariamente ao que sucede com muitos de seus contemporâneos, o emprego dessas referências não é mero recurso retórico da linguagem poética. Embora processos imagéticos, metafóricos e metonímicos possam buscar no Oriente motivos para a construção de figuras, parece haver uma intencionalidade subjacente em relação às alusões. O Oriente aparece, em geral, na obra de Propércio, para ilustrar certas reflexões de caráter moral, se não expressas pelo menos insinuadas nas entrelinhas das elegias.

Talvez possa parecer ousadia inserir Propércio no rol dos escritores moralistas. No entanto, os temas gerais de suas elegias — o amor, a paz, a simplicidade de vida e de costumes, a valorização da tradição romana (que implica, obviamente, em um conceito de patriotismo) — permitiram-nos tal audácia.

Propércio, segundo suas próprias palavras, é o poeta do amor (“Nos, ut consuemus, nostros agitamus amores” — El. I, vii, 5) (5), é o cantor da paz (“quod pace legas, opus hoc de monte Sororum /detulit intacta pagina nostra uia” — El. III, i, 17/18)

Fizemos um levantamento geral das referências ao Oriente, nas elegias e chegamos à conclusão que, na grande maioria das vezes, essas menções são utilizadas para acentuar seu pensamento e sua reflexão em relação às idéias centrais que defende.

(4) — Cf. Guglielmo FERRERO — *Nouvelle Histoire Romaine*, Paris, Hachette, s/d.

(5) — Para as citações de Propércio, V. PROPERCE — *Elegies*. Paris, Belles-Lettres, 1970.

Vejamos, por exemplo, as referências feitas por Propércio à história do Oriente.

Na primeira elegia do Livro II, usando o processo da preterição, tão comum na oratória (6), ao expor a Mecenas as razões que o fazem discorrer sobre temas amorosas, declara Propércio que não vai escrever sobre Tebas ou Pérgamo, sobre Xerxes ou Cartago (“*nec ueteres Thebas nec Pergama. Xerxis — aut animos Carthaginiis altae.*” — El. II, i, 19 e segs.); se tivesse de escrever sobre guerras, falaria de César e Mecenas; lembraria, entre outros fatos, a conquista do Nilo (“*et Nilum, cum attractus in urbem/septem captiuis debilis ibat aquis*” — El. II, i, 31/32); mas versos tais não convêm a suas forças: Propércio vai falar de amor, da glória que é morrer amando (“*Laus in amore mori*” — El. II, i, 47) Nítido é o caráter moralista do texto (o amor se superpõe à guerra), embora discutível seja a originalidade e o valor da moral properciana.

No Livro III, em duas ocasiões, Propércio relembra a derrota de Aníbal. Na terceira elegia, atribui tal derrota à intercessão divina dos Lares (El. III, iii, 11) e o caráter religioso da alusão se patenteia; na décima primeira elegia, mencionando os despojos de Aníbal (“*Hannibalis spolia*”), consequência, para ele, da grandeza de Roma, lamenta que a cidade que comanda o mundo tema agora as ameaças de uma mulher. Alude a Cleópatra e, embora sem mencionar o nome da rainha egípcia, Propércio a condena e censura. Censura seu procedimento moral (“*Meretrix regina*” — El. III, ix, 39) e sua pretensão de introduzir costumes orientais em Roma (o culto de Anúbis, a música dos sistros, etc. — id. v. 41 e segs.)

Poderíamos indagar: onde o tom moralista, neste passo? Quer parecer-nos que a grande preocupação do eu-poético, revelada no poema, se baseia em um sentimento nacionalista e conservador, em um patriotismo exaltado que teme novas influências na metrópole, dado o prestígio de que desfruta a soberana do Egito junto aos próceres romanos.

Daí ser de revolta e de dor o tom da elegia. A aliança entre Roma e o Egito tem, para Propércio, dimensões de derrota e é, a seu ver, incongruente com a conquista do Bósforo por Pompeu.

Em outros poemas, Propércio torna a lembrar guerras que envolveram Roma e o Oriente. Mas mesmo que tais prélíos possam engrandecer Roma, Propércio os censura e prega a paz. Vai tentar cantar “os exércitos romanos e seu chefe a quem temem partas, hindus e árabes”, mas suas forças são insuficientes: seus versos só sa-

(6) — V.G. Cícero em “*In Gatilinam*”.

bem falar de amor (El. II, x, 14) E o poeta abomina as lutas guerreira e lança invectivas contundentes contra os que se dirigem aos campos de batalha: “Como pode o soldado abandonar a esposa em lágrimas e seguir os estandartes de Augusto, que almejam despojar os partas?” “Que pereçam todos: que pereça todo aquele que preferir as armas a um amor fiel” (El. III, xii, 5/6)

Muito mais numerosas, entretanto, do que as referências à história do Oriente são as alusões a suas lendas, muitas das quais se acham intimamente mescladas com as lendas gregas. Os eventos guerreiros que uniram a Grécia e o Oriente, na pré-história grega, rapidamente se transformaram em lenda e mito, passando, então, a ser explorados pela poesia épica, dramática e lírica. A guerra de Tróia, por exemplo, forneceu material imensurável para a literatura grega e, posteriormente, para a latina. Embora Tróia tenha sido uma cidade frígia, as primeiras referências que a ela temos se encontram na literatura grega. Conhecemo-la helenizada; os heróis troianos, sob certos aspectos culturais, confundem-se com heróis helênicos e, como as lendas de Tróia estão presentes em toda a literatura grega, desde as epopéias homéricas até à poesia alexandrina, vamos encontrá-las também exploradas pela literatura latina. Em Roma, a grande aceitação dos temas troianos se deve tanto ao fato de a literatura latina ter, em tudo, procurado imitar a literatura grega como também pela crença, difundida em Roma, segundo a qual seriam os romanos descendentes dos antigos troianos.

Não fugindo ao hábito que marcou a poesia dos que lhe foram anteriores, Propércio também se refere a Tróia renascida em Roma (El. IV, i, 87) e aos antepassados frígios de César (El. II, i, 42 e III, iv, 19/20), mas a originalidade do poeta consiste, a nosso ver, no enfoque especialíssimo que dá aos heróis da guerra de Tróia.

Heitor, por exemplo, citado algumas vezes por Propércio, não é engrandecido como o herói militar, como o guerreiro valoroso e destemido, digno de ser exaltado e cantado. Não; quando Propércio menciona o herói, fá-lo para ressaltar o objetivo de sua poesia: celebrar o amor, cantar a paz. E Heitor ou nos aparece como símbolo do amante infatigável, do forte que não se enfraquece com o amor, que vai para a guerra depois de ter saído dos braços de Andrômaca (El. II, xxii, 31) ou como o bárbaro que luta (“*barbarus Hector*” — El. III, viii, 31) e resiste aos gregos enquanto Páris se entrega aos prazeres junto à mulher amada. Páris, para Propércio, este sim, representa a sabedoria (*Pari, tu sapiens fuisti*” — El. II, iii, 37); é o que se deixa consumir por um grande amor (El. II, xv, 13), é o que ama, enquanto Heitor luta (El. III, viii, 29)

Andrômaca e Briseida, mulheres originárias da Mísia, mas conhecidas literariamente através das lendas traianas, são citadas por

Propércio como símbolos de grandes amores que resistem às condições adversas (El. II, viii, 35; ix, 9; xx, 1/2; xxii, 29); quanto a Polidoro, filho de Príamo, assassinado pela cobiça de Polimestor, é ele citado por Propércio como exemplo do que pode fazer o desejo da riqueza, a “execrável fome do ouro”, conforme nos diz Virgílio. Para Propércio — e esse é também o pensamento de Virgílio, Horácio, Tibulo — o desejo de enriquecer pode conduzir aos mais torpes crimes, aos mais espantosos desatinos.

Outra figura lendária oriental frequentemente mencionada na poesia de Propércio é Medéia, a terrível princesa da Cólquida. E novamente nos defrontamos com o enfoque muito particular do poeta. Os famosos sortilégios e encantamentos de Medéia são lembrados, evidentemente. Mas se Propércio o faz é para mostrar que o amor é superior, em suas forças, às forças das bruxarias e feitiços. O amor do eu-poético pertence a sua amada, “possa embora a colquidiana queimar seus vasos de bronze no fogo de Iolcos” (“Colchis Iolciacis urat focus” — El. II, i, 54); para vencer seu amor, “as ervas não têm força, os encantamentos noturnos de Medéia de nada valem, nem as plantas cozidas pela mão de Perimedéia” (“Non hic herba ualet, non hic nocturna Cytaeis / non Perimedeeae gramina cocta manum” — El. II, iv, 7/8)

Em outras oportunidades, Medéia surge com valor simbólico, mas sempre para ilustrar reflexões de caráter filosófico. Assim, para demonstrar que, quando se ama verdadeiramente, os presentes de nada valem, Propércio lembra que muitas vezes foram eles fatais para quem os recebeu. E cita como exemplo as oferendas feitas a Creusa por Medéia, por ocasião do casamento da jovem com Jasão (“ . arserit et quantis nupta Creusa malis. ” El. II, xvi, 29/30). Mostrando que a inconstância e a ingratidão muitas vezes se aliam ao amor, cita o exemplo de Medéia, abandonada pelo homem que salvara (“Tam tibi Iasonia nota est Medea carina / et modo seruato sola relictia uiro” — El. II, xxiv, 45/46); falando da força do amor, que mancha os laços de sangue, rompe os da amizade, faz nascer a discórdia e induz à guerra, novamente se refere à Medéia que passou por sobre todos os valores para seguir o homem amado (“Colchis et ignotum nonne secuta uirum est?” — El. II, xxxiv, 8); finalmente, para mostrar quão grande é a força da mulher e como não sabe conter-se a mulher que ama, novamente vai Propércio encontrar o fundamento do que afirma na lenda de Medéia (“Colchis flagrantis adamantina sub iuga tauros / egit et armigere proelia seuit humo” — El. III, xi, 9/10 e “Nam quid Medeeae referam, quo tempore matris iram natantum caede piavit amor” — El. III, xix, 17/18)

Numerosas outras figuras das lendas do Oriente são mencionadas nas alegias. Heróis da Frígia (Pélope — El. I, ii, 19), de Cefeu (An-

drômeda — El. IV, vii, 63), da Mísia (Telefo — El. II, ii, 63), da Etiópia (Menão — El. II, xviii, 16 e Títon, — El. II, xxv, 10), da Lídia (Ônfale — El. III, xi, 17) surgem aqui e ali, geralmente como elementos metafóricos ou simbólicos. Pélope representa o homem que vê na mulher apenas a beleza natural e não seus artifícios e luxo; Andrômeda é símbolo da esposa perfeita; Telefo, dos males que se curam, em oposição ao amor, enquanto Títon figura como objeto da dedicação amorosa e Ônfale simboliza a força feminina.

Nas elegias de Propércio, observamos também, além das referências à história e às lendas do Oriente, muitas alusões aos locais e aos acidentes geográficos da África e da Ásia. Muitas das referências têm valor simbólico e surgem no momento em que o autor faz uma reflexão de caráter moralista. A África, por exemplo, é símbolo da riqueza fácil, dos grandes tesouros, porém nem toda a África valeria, para ele, se para conquistá-la isso custasse lágrimas da mulher amada (El. III, xx, 4); o Egito, apesar de representar a vitória dos romanos (El. II, i, 31) é uma ameaça perene aos costumes da velha Roma (El. III, ii, 42) porque pode modificá-los (El. II, xxxiii, 3), pela atração que exerce sobre o povo a fama de suas riquezas (El. III, vii, 5) e pelo poder exercido por Cleópatra. Por tais motivos teme Propércio a Alexandria, terra de astúcias (El. III, xi, 33), Mênfis, terra de sangue (El. III, xi, 34) e Canopo, terra do incesto (El. III, xi, 39)

Da mesma maneira, a Ásia e seus tesouros não valem, para o poeta, as lamentações da amada (El. I, vi, 12); ele escalaria o Rifeu (El. I, vi, 3) e iria além da Etiópia, o país de Menão (El. I, vi, 4) não fossem os braços da amante que o retém.

E prosseguem nesse tom as referências a acidentes geográficos e locais orientais. O Oriente representa a guerra — embora possa também simbolizar a vitória romana —, representa a riqueza, a distância e o poder de atração. E Propércio se opõe à guerra, pregando a paz, se opõe à ânsia pelas conquistas que afastam corações amantes, se opõe ao luxo, que contraria a vida simples, os costumes naturais e antigos. Sente-se o poeta como se fora o dono do Oriente, desde que obtenha o amor da mulher que ama (“Basta que ela passe comigo uma noite, que se mantenha amorosa por um dia inteiro e as águas do Pátolo correrão sob meu teto, e as pérolas do mar Vermelho serão colhidas por mim” — El. I, xiv, 9/12), mas o Oriente pode representar, também, uma forma de fuga (“ganhar as praias da Hircânia” — El. III, xxx, 20) e o termo de comparação com Roma.

Na elegia a Tulo (El. III, xxii), mencionando os locais em que o amigo havia estado (Mísia, Propôntida, Frígia) e os que viria a

ver (Mauritânia, Egito, Éfeso, Cólquida), Propércio compara-os com com Roma. E nessa comparação, aproveita-se para exaltar sua Pátria e mostrar que ali tudo é melhor. Os rios não apresentam prodígios nem monstros (“Itala portentis nec fluit unda nouis” — v. 28), não há donzelas sacrificadas, como Andrômeda (“non hic Andromedae resonant pro matre catenae” — v. 29), nem rochedos hostis, com árvores que se curvam pelo próprio destino (“saxa et curuatas in sua fata trabes” — v. 38)

No final, apologético, Propércio considera Roma a mais bela de todas as terras, terra de gente digna, esperança dos descendentes, terra onde espera o amigo, o amor da futura esposa (“haec est pulcherrima sedes / hic tibi pro digna gente petendus honos / hic tibi ad eloquium ciues hic ampla nepotum / spes et uentura coniugus aptus amor” — El. III, xxii, 39/42)

Roma, entretanto, começa a sofrer profunda influência dos costumes orientais. Muitos desses costumes têm sido introduzidos na metrópole desde o momento em que, com a morte de Átalo, rei de Pérgamo, e a doação de seu reino a Roma, esta se instalou no Oriente, estabelecendo ali a província da Ásia. Em vários momentos, tentou-se reagir contra a implantação do luxo e dos hábitos do Oriente, em Roma. Tibério Graco, Caio Graco e, posteriormente, Augusto são figuras históricas que bem representam a reação de Roma, o desejo de retorno à antiga simplicidade e sobriedade dos velhos tempos, à austeridade romana, enfim. Baldados, porém, foram os esforços dos que pretenderam lutar contra a orientalização de Roma. Iniciado o percurso — que vai culminar, mais tarde, com a fixação da própria Capital em Constantinopla —, a marcha da orientalização se torna irreversível. E é contra esta marcha que Propércio se manifesta em algumas das elegias.

Embora descreva o poeta, em certas passagens, a presença de elementos orientais na cultura romana — e o faz com naturalidade, sem segundas intenções (7) —, embora, por vezes, chegue a exaltar certos costumes (8), em geral, a atitude de Propércio é de condenação à presença de hábitos estrangeiros na velha Pátria. Para ele, a presença do luxo é se não nociva, pelo menos desnecessária. Assim, referindo-se ao gosto da amada pelos artifícios e pelos adornos luxuosos, interpela-a duramente: “Por que derramar mirra do Oronte

(7) — Como, por exemplo, a referência ao costume de verter perfumes sírios sobre os cadáveres (El. II, xiii, 30) e de queimar incenso nos sacrifícios (El. IV, vi, 8).

(8) — Na 13a. elegia do Livro III, Propércio faz referências elogiosas à lei Oriental que exige o sacrifício das mulheres quando da morte de esposas (El. III, xiii, 15/16).

sobre os cabelos? Por que vender-se por presentes estrangeiros?” (El. I, ii, 3/4) E afirma: “O amor é nu e não aprecia os artifícios da beleza” (El. I, ii, 8) Após comparar a verdadeira beleza com as coisas naturais (a cor das flores, a limpidez das águas, o canto dos pássaros — El. I, ii, 9/14), conclui de maneira a não admitir qualquer réplica: “Sempre serás o encanto de minha vida, desde o luxo infeliz seja repellido por ti” (El. I, ii, 31/32)

Em outra ocasião, retomando o mesmo tema, diz que não são os penteados modernos ou as sedas da Arábia que fazem o encanto da mulher, mas sua graça, seu talento, “presentes celestes, ofertados pelos deuses” (El. II, iii, 9/26) Para Propércio, o Amor vence o luxo, não exige “mármore de Arábia e leitos de púrpura” (El. I, xiv, 19/20); os adornos excessivos, “as pedras do Oriente” são símbolos da venalidade, da inconstância, da frieza no amor (El. I, xv, 7), os “tecidos de Sidon” podem atrair o castigo divino, a cólera de Júpiter (El. II, xvi, 55) e, mencionando a mulher que exige do amante que vá ele ao Oceano em busca de pérolas e que só lhe ofereça púrpura de Tiro, expressa seu desejo ardente: “Oxalá, em Roma, ninguém fosse rico; que pudesse o próprio imperador habitar uma choupana” (El. II, xvi, 17/20)

Assim como procura demonstrar que o amor vale mais que o ouro (V referências a Cambises e Cresos — El. II, xxvi, 23), Propércio nos mostra que o luxo de nada importa pois que o vence a morte (El. III, xviii, 19/20)

Verdadeira invectiva, porém, contra os desmandos do luxo, encontramos na décima terceira elegia do Livro III. Propércio parte de uma indagação (“Por que são tão caras as noites oferecidas pelas jovens cúpidas?” El. III, xiii, 1/2), à qual procura responder, segundo seu ponto de vista: o poder é comprado com o luxo, com o ouro da Índia, com as conchas do mar Vermelho, com a púrpura de Tiro, com o cinamomo da Arábia dos mil perfumes (El. III, xiii, 5/12) E exaltando os jovens dos campos cujas colheitas e árvores são a única riqueza, os jovens que se ofertam framboesas vermelhas, violetas e lírios, uvas maduras ou pássaros de plumagem colorida (El. III, xiii, 25/32), prediz a ruína de Roma, destruída por seus próprios bens (“Proloquar frangitur ipsa suis Roma superba bonis” — El. III, xiii, 59/60), da mesma Roma por ele decantada quando da época em que era simples e sóbria, “sem pretextas e perfumes de açafraão” (El. IV, i).

Após termos alinhado tais observações, cremos que nos é possível corroborar o que antes havíamos dito. A moral de Propércio consiste em colocar acima de tudo o Amor e a Paz, em pregar a simplicidade da vida e em exaltar a tradição romana. O Oriente lhe é an-

tagônico. O Oriente vulgariza e venaliza o Amor, com as facilidades do artifício e da riqueza; o Oriente representa a guerra que destrói o Amor e a Paz. O Oriente substitui a sobriedade pelo requinte e pelo luxo. O Oriente, enfim, representa uma ameaça à tradição, à religião, aos costumes, por sua força e poder.

Como explicaríamos e julgaríamos, hoje, os receios de Propércio? Cremos que a explicação e o julgamento se confundem com a própria observação do fato. O homem é a expressão de sua época e as épocas se substituem umas às outras. O desconhecido passa a ser o usual e o temido o aceito com naturalidade. Como antes ocorrera com a conquista da Grécia, conquistando o Oriente Roma assimilou sua cultura. Preservou, no entanto, o substrato cultural romano. Nossa cultura de hoje é fruto dessa mescla, enriquecida por muitas outras contribuições. De Roma orientalizada, judaizada, cristianizada, nasceu a civilização moderna. Todo o orbe das terras contribuiu na formação do que hoje possuímos; nosso patrimônio cultural é fruto da participação positiva e válida de todos os povos que, desenvolvendo-se separadamente, chegaram à fusão total no cadinho universal da cooperação humana.